



**Do Condestável de Portugal a Nuno de Santa Maria: elementos para a
construção de um santo**
**From Constable of Portugal to Nuno de Santa Maria: elements to construction
of a saint**

**Del Contestable de Portugal a Nuno de Santa María: elementos para la
construcción de un santo**

Renata Cristina de Sousa NASCIMENTO¹

Resumen: La Iglesia celebró, desde de siempre, a los apóstoles y a los mártires de Cristo, que por su ejemplo fortalecieron la nueva religión. En este sentido la santidad necesita ser entendida como un fenómeno histórico, inserida en un contexto bastante complejo, que concedió a la religión cristiana sus primeros alicerces. En este texto tenemos el objetivo de discutir algunos aspectos, relacionados a la vida e a la construcción de un santo de origen medieval. San Nuno de Santa María se volvió santo a través de la proclamación en abril de 2009.

Palabras-clave: Santidad – Memoria – Nuno de Santa María.

Abstract: The Church has always celebrated the apostles and martyrs of Christ, who by their example strengthened the new religion. In this sense, holiness must be understood as a historical phenomenon, inserted in a very complex context, which gave the Christian religion its first foundations. In this text we aim to discuss some aspects related to the life and construction of a saint of medieval origin. São Nuno de Santa Maria became a saint through the canonical proclamation in April 2009.

Keywords: Holiness – Memory – Nuno de Santa Maria.

ENVIADO: 13.03.2018
ACEPTADO: 22.04.2018

¹ Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), do Programa de Pós-Graduação em História (PUC-Goiás) e da Universidade Estadual de Goiás. Participante do NEMED. *E-mail:* renatacristinanasc@gmail.com.

As sensibilidades, as emoções e as manifestações no mundo medieval eram permeadas pelo universo simbólico do sagrado. Neste mundo povoado de significados a santidade é entendida como elemento fundamental, na consolidação da identidade cristã. Este prestígio sagrado era conferido a indivíduos considerados singulares. É também um fenômeno de massas, que oferece aos fiéis exemplos notáveis. Estes homens-santos possuíam a distinção de interseção junto à divindade, em favor da humanidade pecadora, amenizando suas angústias. Eram garantias da presença do sobrenatural na vida cotidiana. Beneficiando-se de seu exemplo de fé, os fiéis sentiam-se mais perto de Deus.

No ocidente, desde o início do cristianismo a Igreja empreendeu esforços enormes para orientar as devoções, primeiramente ao redor das tumbas dos santos mártires. Este cristão perfeito, teria entregue sua vida em nome do evangelho, daí sua auréola de excepcionalidade. Sua perfeição e sacrifício eram reconhecidos por sinais, considerados milagres. A ação principal que identifica um santo é o milagre.² Fenômeno extraordinário, acima das leis da natureza, e cuja veracidade não é objeto de discussão entre os crentes. Ações rodeadas de mistérios, os milagres se manifestavam de modo amplo. Estes eram vistos como signos da benção de Deus, através de seus santos e de suas relíquias. Neste texto temos o objetivo de discutir alguns aspectos relacionados à vida e a construção de um santo de origem medieval.

São Nuno de Santa Maria tornou-se santo através da proclamação canônica empreendida pelo papa Bento XVI em 26 de abril do ano de 2009. Na *Segunda Epístola aos Coríntios* (7:1), é possível uma compreensão do que era entendido por santificação, para os primeiros cristãos: “...purifiquemo-nos de toda mancha da carne e do espírito. E levemos a termo a nossa santificação, no temor de Deus”.³ Ser considerado santo, revelou que a força deste personagem, mesmo tendo uma origem remota, é surpreendente, e de longa duração.

Nosso objetivo aqui não é uma discussão do processo de canonização de São Nuno, e sim uma tentativa de contribuir com as interpretações do fenômeno de santidade na Idade Média, através do estudo de uma personalidade singular. Para tanto dividiremos nosso texto em três momentos específicos: I- A tradição ibérica de santidade; II- Do herói de Aljubarrota ao abandono do mundo; III- Um santo em construção.

² DE LA BORBOLLA, Ángeles García. “La Función del Santo en el Occidente Medieval”. In: MERISALO, O. (ed.). *Frontiers in the Middle Ages. Fédération Internationale des Instituts d’Études Médiévales. Textes et Études du Moyen Âge*, 35. Louvain-La-Nueve, 2006, p. 675-691.

³ *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. SP: Paulus. 2013.

Neste sentido, o santo apresenta-se como uma espécie de porta voz das necessidades humanas, frente à onipotência e onipresença de Deus. Os santos eram vistos como aliados necessários frente às angústias, servindo como pilares da fé, e também como legitimadores de renome de uma estirpe, ou dinastia.

I. A tradição ibérica de santidade

A construção do espaço sagrado cristão no mundo ibérico se fez em confronto com o outro. Rememorando a presença dos visigodos em seu território, os cristãos legitimaram a ocupação do mesmo frente ao que consideravam usurpação, promovida pela constante ameaça muçulmana. Estes alegavam que não faziam mais que tentar recuperar o que era seu, por direito.⁴ Os islâmicos deveriam sair da cidade, como no caso da conquista de Lisboa (1147) estando ali injustamente, impondo sua força abusiva e fraudulenta. Narrativas da ação dos santos protetores, e da ajuda celestial frente ao inimigo são bastante comuns em batalhas. Milagres como o da Batalha de Ourique (1139) favoreceram a chamada recristianização do território. Aludindo às especificidades dos reinos que compõe o espaço ibérico medieval, é fator comum a presença de relíquias dos santos, e de objetos especiais, que teriam supostamente tido contato com o próprio Filho de Deus. Também fragmentos de corpos considerados santos contribuíram na formação do patrimônio sacro da região.

Em relação a Portugal, uma fonte do século XVIII nos oferece um panorama interessante da distribuição de relíquias, que envolvem toda a extensão do território. No capítulo VI, “*Das fagradas relíquias mais notaveis, que fe venerão em alguns Santuarios deste Reino*”, destaca-se o patrimônio religioso lusitano:

Muito deve a Igreja Lufitana à providencia de Deos, pois permittio foffe ella das primeiras de Hefpanha, que fe enriqueceffe com o preciofo thefouro dos veneráveis corpos dos Santos. Como Portugal em todo efte tracto Hilpanico foy o primeiro Reino, que abraçou a Fé de Chrifto, era jufto que também o foffe na poffe, e veneração das inefitimaveis Reliquias, verdadeiros penhores da eternidade.⁵

A fonte assinala a distribuição de santos e de objetos sagrados em pormenores, exaltando o poder atribuído aos corpos, “...cujos offos, e cinzas, à maneira de fontes

⁴ ROSA, Maria de Lurdes. *Santos e Demônios no Portugal Medieval*. Lisboa: Fio da Palavra, 2010.

⁵ CASTRO, João Bautista de Castro. *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno*. Lisboa: Officina Patriarcal de Francifco Luiz Ameno. Tomo II. Parte III e IV, LXIII, p. 183.

faudaveis, eftão continuamente derramando benefícios de muitos modos; porque eles curão as enfermidades, tirão as tentações, affugentão as triftezas...”⁶

Esta redistribuição dos ossos, era objeto de disputas variadas, e contribuía para a territorialização através de uma sacralidade palpável. Os fragmentos representam a concretude do passado, sendo expressões de acontecimentos ou de homens sublimes. Ossos de pessoas dignas de memória, símbolos visíveis de algo invisível, *memória cultural*.⁷ As relíquias são evocadas como produtoras de memória, que validam um passado de excepcionalidade. Objetos e fragmentos que reconstroem uma história, sendo veículos de uma recordação que se deseja perpetuar.

A posse de objetos e dos corpos santos acentua o status político de um lugar, que se transforma em espaço de rememoração. A distinção do morto associa-se à importância de seus vestígios. Expressões de uma simbólica corporal; Cadáveres e sepulturas que curam enfermos e protegem regiões e cidades. O corpo santo resolve a tensão entre carne e espírito⁸. Nessa demanda por vestígios sagrados, as disputas e as falsificações eram constantes. Berço de relíquias, a Terra Santa tornou-se referência, e vários objetos (ou não, devido às falsificações), tinham por origem teórica esta região. A construção de uma geografia sagrada na Palestina serviria de exemplo para a proliferação de outros ambientes, nos quais a devoção aos eventos relacionados à história cristã pudesse ser experimentada coletivamente⁹. Ao aumento dos vestígios, relacionados à vida de Cristo associa-se a proliferação de corpos santos.

Outra fonte de origem ibérica, que apresenta um painel do sagrado na região é o relato da viagem realizada por Ambrosio de Morales, a serviço do rei Felipe II. Em 1572 o monarca o designou para realizar uma viagem pelos reinos de León, Galicia e Principado das Astúrias.¹⁰ Neste relato pode-se notar a quantidade e variedade de sepulcros, corpos e objetos sagrados em várias cidades. Em León, o autor destaca as relíquias de São Isidoro:

⁶ *Idem*, p. 184.

⁷ ASSMANN, Aleida. *Espaço da recordação. Formas e Transformações da Memória Cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

⁸ Ver também LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicholas. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

⁹ NASCIMENTO, Renata Cristina de S.; FRANÇA, Susani S. L.; LIMA, Marcelo Pereira. *Peregrinos e Peregrinação na Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

¹⁰ *Viagem de Ambrosio de Morales Por Orden Del Rey D. Phelipe II. A Los Reynos de Leon, Y Galicia, Y Principado De Asturias. Para reconbecer Las Reliquias de Santos, Sepulcros Reales, Y Libros manuscritos de las Cathedralres, Y Monasterios*. Madrid: Antonio Marin, Año de 1765.

El cuerpo del glorioso doctor S. Isidoro está tan rica y venerablemente colocado, y guardado, quanto Reliquia lo puede estar em el mundo, porque está em médio del altar mayor detrás de uma reja dorada de mas de uma vara em alto y dos em largo.¹¹

Fazendo parte de um sistema de significados e possuindo qualidades vistas como especiais, a redistribuição e a promoção de personagens a um status de santidade maior, legitimadas inclusive pela monarquia, tinham o objetivo de assegurar determinados direitos e promover sua sede, diante de um quadro político e religioso bastante conturbado.¹² Com tradição arraigada no imaginário popular, as vivências religiosas em *Hispania* revelam uma especial relação com a veneração de relíquias, daí sua proliferação em todo o território. A sacralização do espaço ibérico se fez com sangue e ossos.

A invasão muçulmana e as alterações que esta ocupação ocasionou foram, inevitavelmente, responsáveis por profundas modificações no quadro religioso herdado do período visigótico na Península Ibérica.¹³ Este fato, associado às disputas pela preeminência eclesiástica, reconstroem as especificidades e a vivência frente ao sagrado, na região. Na correlação político- religiosa, elevam-se as aproximações entre sagrado e profano, em mútua dependência. A reputação de santidade atribuída a D. Nuno Álvares Pereira, é uma construção que perpassa várias épocas, iniciando-se na *Crônica do Condestável de Portugal*.¹⁴ Esta foi impressa pela primeira vez em 1526, mas refere-se não somente ao protagonismo militar do biografado, servindo também como produção discursiva de seus atos de virtude.

Ao longo do tempo, o perfil deste personagem tem sido construído e reconstruído, revelando os alcances do passado, e a memória que se desejou que perpetuasse. Usos do passado que englobam seu perfil militar, nobiliárquico, heroico e religioso. O apelo a estes modelos se sujeita a circunstâncias diversas, sendo feito de acordo com a necessidade discursiva.

¹¹ *Idem*, p. 46.

¹² Ver NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. “Relíquias de Prestígio: Da Vera Cruz ao Sudário de Oviedo”. In: NASCIMENTO, Renata Cristina de S & SOUZA, Armênia M. *Mundos Ibéricos: territórios, gênero e religiosidade*. SP: Editora Alameda, 2017, p. 185-199.

¹³ VILAR, Hermínia Vasconcelos. “A procura da perfeição longe do mundo: da reforma beneditina à influência cluniacense”. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (direção). *História Religiosa de Portugal*. Vol I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 4.

¹⁴ *D. Nuno Álvares Pereira. Crônica do Condestável de Portugal*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, edição de 2011.

II. Do herói de Aljubarrota ao abandono do mundo

Enlegido o Meestre e alçado assi por Rei, falou-se logo que fizessem condestabre para a guerra em que eram postos, segundo novamente fizera el-Rei D. Fernando, quando em seu tempo os Ingreses veerom. E ordenou el-Rei que o fosse o seu mui leal e fiel servidor Nuno Álvarez Pereira, avendo aaquele tempo vinte e quatro anos e nove meses e doze dias, conhecendo dêl que era d'honestos costumes e mui avisado nos autos da cavalaria.¹⁵

Os elementos de singularidade de Nuno Álvares são traçados inicialmente sob suas façanhas militares, e sólida lealdade ao rei D. João I. Nascido no ano de 1360, provavelmente em Cernache do Bonjardim, a historiografia recente aí situa que seu pai, Álvaro Gonçalves Pereira (Prior do Crato) teria seu paço.¹⁶ As datações sobre momentos chave de sua vida são consensuais: Aos treze anos foi recebido na corte de D. Fernando I, então rei de Portugal¹⁷; Em 1376 casou-se com Leonor de Alvim, iniciando sua base patrimonial¹⁸; Até 1382, permaneceria em suas terras no Entre-Douro- e-Minho; Na segunda guerra fernandina, sua capacidade militar começaria a ser conhecida; Em 1384 participou ativamente da Batalha de Atoleiros; Nas Cortes de Coimbra de 1385, foi feito Condestável do reino.

Na Batalha de Aljubarrota (1385), épico da história militar portuguesa, sua ação é vista por Fernão Lopes como providencialista¹⁹. Fátima Regina Fernandes²⁰ destaca as preferências e táticas bélicas do Condestável, promovendo uma estratégia eficiente, diferenciando do conceito oligárquico de guerra. Esta noção começava a ser substituída, priorizando a infantaria e a escaramuças nos confrontos. Ao tomar partido incontestemente, desde o início da crise dinástica de 1383, do lado do Mestre de Avis (futuro rei), Nuno Álvares fortaleceu e consolidou seu perfil de súdito leal. Independente das intempéries nobiliárquicas, forjadas por seus inimigos, devido à sua

¹⁵ LOPES, Fernão. *Crônica de D. João I*, 1ª parte, cap 193. In: *Textos Literários. Autores Portugueses. Quadros da crônica de D. João I* (sel., prefácio e notas de Rodrigues Lapa). Lisboa: gráfica Lisboense, 1939, p. 63.

¹⁶ NASCIMENTO, Aires A. *Nuno de Santa Maria. Fragmentos de Memória Persistente*. Lisboa: ARM, 2010, p. 37-65.

¹⁷ De 1367 a 1383.

¹⁸ Desta união nasceu sua filha Beatriz, que será a primeira duquesa de Bragança.

¹⁹ GUIMARÃES, Marcella Lopes. “Aljubarrota (1385), e as vozes que fundam a lembrança”. In: GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais*. Curitiba: UFPR, 2013, p. 121-156.

²⁰ FERNANDES, Fátima Regina. “A construção da sociedade política de Avis à luz da trajetória de Nuno Álvares Pereira”. In: *A guerra e a sociedade na Idade Média. VI Jornadas Luso- Espanholas de Estudos Medievais*. Vol. I. Alcobaca- Batalha, 2009, p 421-446.

ambição militar e patrimonial, o monarca (segundo as fontes), procurou sempre uma via de harmonia e acordos. Esta característica tornou-se evidente após o casamento de sua única filha Beatriz com D. Afonso, filho legitimado de D. João I. Esta união, como se sabe, daria origem à futura Casa de Bragança. No capítulo LXXVI, da *Crônica do Condestável de Portugal* temos a relação de títulos e terras oriundos deste matrimônio.

Depois que se o casamento de dom Afonso, filho del rei, tractou e afirmou com dona Beatriz, filha do condeestabre, em Leira, a cabo de dias lhe foram feitas suas vodas mui honradas, em que foram juntos tôdolos grandes do reino. E o conde deu em casamento a sua filha com dom Afonso o condado de Barcelos, com terra de Penafiel de bastuz e Monte Alegre, e a Piconha, e Portelo com terra de Barroso, e a vila de Chaves com sua terra, e Baltar e o Arco de Baúlhe, e certas quintãas que o conde havia Antre Doiro e Minho, e outras rendas. E pedio a el rei por mercee, que pois lhe dava o condado de Barcelos a seu filho, que o fizesse conde e a el rei prouve delo e feze-o conde.²¹

A par de seu perfil guerreiro, e fundador de uma importante casa nobiliárquica temos a exaltação de sua santidade. Possuidor de uma espiritualidade litúrgica, retirou-se ao Convento das Carmelitas em Lisboa (em 1422, depois da conquista de Ceuta), lugar em que viveu os últimos nove anos de sua vida. Conforme Aires do Nascimento²², o rei D. Duarte (1391-1438), solicitou a Roma sua canonização.

Imagem 1



²¹ D. Nuno Álvares Pereira. *Crônica do Condestável de Portugal*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, edição de 2011, p. 231-232.

²² NASCIMENTO, Aires A. *Nuno de Santa Maria. Fragmentos de Memória Persistente*. Lisboa: ARM, 2010, p. 131.

Imagem 2



Ambas as imagens foram retiradas da *Internet*:

<http://realfamiaportuguesa.blogspot.com.br/2012/11/sao-nuno-de-santa-maria-o-santo.html>

Seu irmão, D. Pedro também teria manifestado diversas vezes sua devoção ao santo conde. Observa-se o início da construção de santidade do Condestável ligada à Casa de Avis. De sua iconografia temos várias representações, muitas destas ligadas ao herói das batalhas ou ao carmelita.

III. Um santo em construção

A eficácia da elaboração e consolidação de uma imagem de santidade perpassa por elementos substanciais: A narrativa hagiográfica, o reconhecimento de milagres, e uma vida pautada por diversas virtudes. A santidade deve ser entendida, sobretudo como uma construção social, um ideal que se desenvolveu historicamente²³. É consenso, que o reconhecimento público de santidade corresponde aos interesses e expectativas de grupos específicos, e que foram sofrendo alterações ao longo dos séculos.

Reinterpretações de um modelo, oriundo do próprio Cristo (em seu sofrimento e morte), e dos primeiros mártires da fé, foram sendo redefinidas, e, a partir do século

²³ FORTES, Carolina Coelho. “As ordens mendicantes e a santidade na Idade Média”. In: SILVA, Andréia Cristina L. Frazão; SILVA, Leila Rodrigues (orgs.). *Mártires, Confessores e Virgens: o Culto aos Santos no Ocidente Medieval*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 120.

XIII, controladas pela Igreja Romana. Apesar das tentativas do papado de normatizar a santidade, esta continuou sendo reconhecida à revelia. Os textos e as imagens favorecem a comprovação da sacralidade, desempenhando um importante papel na vida espiritual do cristão. As relíquias, o culto, as hagiografias inserem-se dentro da manifestação de uma tradição construída, que a religiosidade popular irá perpetuar.²⁴ A morte e o corpo tornam-se aí elementos centrais.

Após viver seus últimos anos no Convento do Carmo, que o mesmo havia mandado construir²⁵, Nuno Álvares faleceu em 1431. O homem deu lugar ao santo.

E acabou seus dias em muito serviço de Deos...el rei e o ifante lhe mandarom fazer suas exéquias mui honradamente, com em Espanha se nom fez a home de seu estado, ao qual comprimento vierom muita gente e crerizia.²⁶

No último capítulo da *Crônica do Condestável*, intitulado “Mas ora leixa o conto de falar das obras que o condestabre no mundo fez por serviço del rei e torna à sua vida, quejanda foi, e das obras e muitas esmolos que fez, e das virtudes que obrou em quanto no mundo viveo,” temos o relato das igrejas que mandou construir, por sua própria despesa (Santa Maria, São Jorge, Mosteiro de Santa Maria do Carmo, em Lisboa, entre muitas outras); De sua devoção pessoal (realizava continuamente jejuns, orações, penitências); Das obras de caridade (Era mui caritativo a todos, especialmente aos pobres)²⁷ e dos milagres que supostamente realizou: E ainda o dia de hoje, depois de sua morte, Deos por sua mercee fez e faz muitas milagres naquel lugar onde seu corpo jaz...²⁸

Em relação aos milagres, a intelectualidade cristã empregava sucessos sobrenaturais, como um dos elementos chaves do discurso hagiográfico.²⁹ As apropriações discursivas transformavam derrotas em vitórias sobre a morte, e o mal. Estes textos refletem interesses vários, e incorporam elementos que nos aproximam do homem

²⁴ NASCIMENTO, Renata Cristina de S. “A Expansão Portuguesa e o Desastre de Tânger (1437): A (re) invenção da memória”. In: LEMES, Fernando Lobo & NASCIMENTO, Renata Cristina de S. *Entre Europa, África e América: mundos ibéricos no Atlântico-Sul*. Rio de Janeiro: Multifoco/ Luminária Academia, 2017, p. 19-37.

²⁵ Em 1404, deu impulso à construção do Mosteiro, em que viria terminar seus dias.

²⁶ D. Nuno Álvares Pereira. *Crônica do Condestável de Portugal*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 2011, p. 239.

²⁷ *Idem*, p. 244.

²⁸ *Idem*, p. 246.

²⁹ GUIANCE, Ariel. “Milagros y Prodigios en la Hagiografía Altomedieval Castellana”. In: *História Revista*. Vol. 11. Número 1. Goiânia: UFG, 2006, p. 17-44.

medieval, em sua vivência religiosa. Uma história de devoção, voltada a uma espécie de experiência prática com o sagrado, presente na veneração às relíquias. Esta aproximação simbólica garantia uma possibilidade de intervenção do sobrenatural, na vida humana. A vida de um santo também associa-se à memória de um lugar, país ou região. No caso estudado, Nuno de Santa Maria marcou a história de Portugal dos séculos XIV e XV, não perdendo também grande parte de sua vitalidade nas épocas posteriores. Sua vida transformada em epopeia militar, e sua religiosidade tornaram-se recorrentes nas páginas de manuais, e de uma vasta bibliografia que ocupa-se em discutir sua singularidade, e representações.³⁰

Neste ato de honrar defuntos ilustres, que são reconhecidos publicamente como heróis da fé, tem-se a revalorização de seus despojos. Os santos teriam poder de intercessão, através de seus ossos e restos mortais, daí o desejo de contato com seus vestígios. Estes possuem função evocadora, constitutivos de uma memória muitas vezes manipulada, que legitima o passado, visto como glorioso. Para tanto a participação da monarquia torna-se essencial, na promoção de um personagem, como o Condestável. Sua aura de excepcionalidade está delineada desde sempre, como se vê na *Crônica de D. João I*, de Fernão Lopes e na *Crônica do Condestável de Portugal*, de autoria anônima.

Sobre as relíquias de São Nuno, observa-se uma série de traslados. Inicialmente foram depositadas no Convento do Carmo. Aí o conde teve sua sepultura, pois faleceu no domingo de Páscoa, em 01 de abril de 1431. A religiosidade popular já o reconhecia como Santo Condestável. Após o Terremoto de Lisboa em 1755, seus despojos corporais foram diversas vezes levados de um lugar para outro. Estavam inicialmente em um relicário de prata, que foi roubado. Seu túmulo primitivo foi finalmente reconhecido em 1961.

³⁰ MONTEIRO, João Gouveia. *Nuno Álvares Pereira: Guerreiro, Senhor Feudal, Santo - Os três rostos do condestável*. Lisboa: Manuscrito Editora, 2017.

Imagem 3



Local atribuído ao sepulcro de São Nuno (Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa).
 Acervo da autora.

Sobre os ossos do santo, que são hoje suas principais relíquias (ainda existentes), Aires do Nascimento³¹ nos informa que em 11 de maio de 1918 foram novamente depositados na Capela da Ordem Terceira do Carmo, em Lisboa, (de onde tinham partido para São Vicente de Fora, quando da extinção das ordens religiosas, em 1834). No *Auto de Identificação das Relíquias* tem-se o seguinte texto:

...o Decreto acima referido, foi apresentado à Comissão um cofre de madeira forrado de veludo vermelho, guarnecido com galões de ouro, em cuja face anterior se lia, gravada numa chapa de prata, a seguinte inscrição: Aqui estão os Ossos do Condestável D. Nuno Alvares Pereira que estiveram na antiga e já derrocada Igreja do Carmo e vieram para esta de S. Vicente de fora, sendo acompanhados até esta Capella de Sua Eminência reverendíssima o Senhor Cardeal Patriarcha pelo Prior, Monsenhor Joaquim António Sant'Anna, e n'ella colocados em nove de março de 1895.³²

Novamente a ossada teria outro destino, após a inauguração da Igreja do Santo Condestável³³ no Campo de Ourique (Lisboa), em agosto de 1951. Na ocasião

³¹ NASCIMENTO, Aires A. *Nuno de Santa Maria. Fragmentos de Memória Persistente*. Lisboa: ARM, 2010, p. 80.

³² Documento citado em NASCIMENTO, Aires A. *Nuno de Santa Maria. Fragmentos de Memória Persistente*. Lisboa: ARM, 2010, p. 338-339.

³³ Começou a ser construída em 1946.

organizou-se um cortejo solene, com a presença de várias autoridades políticas e religiosas. As relíquias foram depositadas na cripta da Igreja, onde lá permanecem. A revalorização de sua memória tornou-se mais sólida, após a canonização de São Nuno de Santa Maria, pelo papa Bento XVI.

Considerações finais

Existem estratégias diferentes de reconstrução do passado, mas todas elas representam uma maneira comum e consciente de dar sentido à história. A inserção de Nuno Álvares Pereira na história ibérica, e depois na memória gloriosa do cristianismo, iniciou-se com seu primeiro ato de destaque em batalha, em 1372, mas não termina com sua morte. O falecimento de um santo é, na verdade, seu nascimento para o céu. Seu aniversário é rememorado em sua passagem, neste quadro constituía-se o acesso à santidade. Junção político-religiosa que, no caso estudado, conferiam a determinados indivíduos um áurea de excepcionalidade que justificam suas ações, e seus sucessos nas guerras. Guerras estas que foram fundamentais na ascensão de uma nova dinastia em Portugal. Atos heroicos que transformaram-se em símbolos da conquista, consolidando a versão de que Deus estava legitimando a nova casa real. A funcionalidade de novos personagens que forjam outros exemplos para a história, e desnudam a ação propagandística da coroa. Esta ação revelou-se de grande alcance e durabilidade, pois o “Santo Condestável” é parte integrante da própria alma portuguesa.

Fontes

- Auto da Identificação das Relíquias feito em 1918.* (In NASCIMENTO, Aires A. Nuno de Santa Maria. Fragmentos de Memória Persistente. Lisboa: ARM, 2010)
- BÍBLIA DE JERUSALÉM.* SP: Paulus. 2013 (9ª impressão)
- CASTRO, João Bautista de Castro. *Mapa de Portugal Antigo, e Moderno.* Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. Tomo II. Parte III e IV, LXIII. p 183.
- D. Nuno Álvares Pereira. Crónica do Condestável de Portugal.* Lisboa: Academia Portuguesa de História, edição de 2011.
- LOPES, Fernão. *Crónica de D. João I, 1ª parte, cap 193.* In Textos Literários. Autores Portugueses. Quadros da crónica de D. João I. Selecção, prefácio e notas Rodrigues Lapa. Lisboa: gráfica Lisboense, 1939.
- Viagem de Ambrosio de Morales Por Orden Del Rey D. Phelipe II. A Los Reynos de Leon, Y Galicia, Y Principado De Asturias. Para reconhecer Las Reliquias de Santos, Sepulcros Reales, Y Libros manufcritos de las Cathedrales, Y Monasterios.* Madrid: Antonio Marin, Año de 1765.

Bibliografia

- ASSMANN, Aleida. *Espaço da recordação. Formas e Transformações da Memória Cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.). *História Religiosa de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- DE LA BORBOLLA, Ángeles García. “La Función del Santo en el Occidente Medieval”. In: MERISALO, O. (edição). *Frontiers in the Middle Ages. Fédération Internationale des Instituts d’Études Médiévales. Textes et Études du Moyen Âge*, 35. Louvain-La-Nueve, 2006, p. 675-691.
- FERNANDES, Fátima Regina. “A construção da sociedade política de Avis à luz da trajetória de Nuno Álvares Pereira”. In: *A guerra e a sociedade na Idade Média. VI Jornadas Luso- Espanholas de Estudos Medievais*. Vol. I. Alcobaça-Batalha, 2009, p. 421-446.
- GUIANCE, Ariel. “Milagros y Prodigios en la Hagiografía Altomedieval Castellana”. In: *História Revista*. Vol. 11. Número 1. Goiânia: UFG, 2006, p. 17-44.
- GUIMARÃES, Marcella Lopes. “Aljubarrota (1385), e as vozes que fundam a lembrança”. In: GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais*. Curitiba: UFPR, 2013, p. 121-156.
- LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicholas. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MONTEIRO, João Gouveia. *Nuno Álvares Pereira: Guerreiro, Senhor Feudal, Santo - Os três rostos do condestável*. Lisboa: Manuscrito Editora, 2017.
- NASCIMENTO, Aires A. *Nuno de Santa Maria. Fragmentos de Memória Persistente*. Lisboa: ARM, 2010.
- NASCIMENTO, Renata Cristina de S.; FRANÇA, Susani S. L.; LIMA, Marcelo Pereira. *Peregrinos e Peregrinação na Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- _____. “Relíquias de Prestígio: Da Vera Cruz ao Sudário de Oviedo”. In: NASCIMENTO, Renata Cristina de S. & SOUZA, Armênia M. *Mundos Ibéricos: territórios, gênero e religiosidade*. SP: Editora Alameda, 2017, p. 185-199.
- _____. “A Expansão Portuguesa e o Desastre de Tânger (1437): A (re) invenção da memória”. In: LEMES, Fernando Lobo & NASCIMENTO, Renata Cristina de S. *Entre Europa, África e América: mundos ibéricos no Atlântico-Sul*. Rio de Janeiro: Multifoco / Luminária Academia, 2017, p. 19-37.
- ROSA, Maria de Lurdes. *Santos e Demônios no Portugal Medieval*. Lisboa: Fio da Palavra, 2010.
- SILVA, Andréia Cristina L. Frazão; SILVA, Leila Rodrigues (orgs.). *Mártires, Confessores e Virgens: o Culto aos Santos no Ocidente Medieval*. Petrópolis: Vozes, 2016.